

1
2
3
4
5
6

A CRIAÇÃO LINGÜÍSTICA DE GUIMARÃES ROSA EM *AVE, PALAVRA*

Elvira Livonete Costa (PUC-GO)
elvira-livonete@hotmail.com

7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

RESUMO

A obra literária de João Guimarães Rosa surpreende, encanta e instiga pesquisadores de todas as épocas. Destaca-se, entre outros fatores, pela forma muito particular como o autor compõe suas narrativas e constrói as personagens, todavia chama atenção também a incrível capacidade de criação e recriação lexical empreendida pelo autor em sua tessitura poética. Conhecido como o mago das palavras, João Guimarães Rosa se utiliza dos neologismos como recurso inerente à linguagem para transcender a transparência e superficialidade da língua, abastecendo-se de toda significância e originalidade de uma palavra autêntica e livre da fala desgastada do cotidiano. Fundamentados teoricamente nos princípios e pressupostos da morfologia e lexicologia, lançamos um olhar acerca da última obra escrita por João Guimarães Rosa, *Ave, Palavra*, visando: (1) investigar o processo de criação lexical empreendido em *Ave, Palavra*, de modo a compreender a pluralidade semântica gerada em sua tessitura. (2) Averiguar os tipos de neologismos estabelecidos pelo criterioso método rosiano a fim de verificar a variedade e amplitude de sua escritura. O processo metodológico exigiu a análise criteriosa de vocábulos da língua portuguesa, estrangeira, indígena e português arcaico, visando abarcar a completude do *corpus* dessa pesquisa. Os resultados obtidos revelam que a ação neológica rosiana esvazia a palavra de todo o peso do mundo para preenchê-la com a essência mais pura da linguagem, instaurando a multiplicidade de sentidos que sua escrita alcança.

27
28
29

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Neologismo. Ave, palavra.

30
31
32
33
34
35
36
37
38

1. Introdução

Entender a atividade criativa de João Guimarães Rosa demanda, entre muitas coisas, de uma análise interpretativa de seus surpreendentes malabarismos linguísticos, uma vez que em suas obras os conceitos são desconstruídos, repensados, desarticulados e reestruturados pela utilização de variados recursos em sua escrita, privilegiando a estilística da palavra, do som, da frase e do enunciado. O neologismo aparece na produção literária rosiana como uma espécie de subversão da matéria languageira, uma forma reinventada de nomear as coisas de um mundo desgastado pela tagarelice do falar

1 cotidiano, um criacionismo expressivo que transcende o sentido ha-
2 bitual das palavras. Na medida em que mergulhamos nos escritos de
3 Rosa percebemos os labirintos lexicais por ele produzidos, somos
4 impactados pelo turbilhão de sensações que apenas um curto pará-
5 grafo pode nos proporcionar.

6 Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-
7 guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. Várias árvores. A manhã
8 se-a-si bela: alvoradas aves. O ar andava, terso, fresco. O céu --- uma
9 blusa. Uma árvore disse quantas flores, outra respondeu dois pássaros.
10 Esses, limpos. Tão lindos, meigos, quê? Sozinhos adeuses. E eram o
11 amor em sua forma aérea. Juntos voaram, às alamedas frutíferas, voam
12 com uniões e discrepâncias. Indo que mais iam, voltavam. O mundo é
13 todo encantado. Instante estive lá, por um evo, atento apenas ao auspício.
14 (ROSA, 2001, p. 77).

15 Alguns críticos e pesquisadores tentam explicar a intrigante
16 produção literária do autor mineiro, geralmente pautados em suas in-
17 vestigações acerca das invenções lexicais e neologismos empreendi-
18 dos pelo escritor. Entretanto, essa tarefa jamais se finda, porquanto a
19 arte de Guimarães Rosa excede em muito sua perfeita engenharia
20 linguística, pois seu dizer não se dá a partir do lugar-comum, percor-
21 re horizontes muito mais vastos, sem limites aparentes, como o pró-
22 prio sertão-mundo de *Riobaldo* (1994). Sua poesia de convergência
23 busca a reconciliação entre o “eu” e o universo sem se abster de seu
24 fazer poético e a renovação da linguagem. Rosa desorganiza, subverte
25 e desconstrói a linguagem retirando o leitor da zona de conforto.
26 *Ave, Palavra* (2001) carrega consigo o caráter multifacetado e
27 abrangente de um fazer literário caracterizado pelo hermetismo, opa-
28 cidade e profusão de sentidos abarcados por sua produção literária.

29 *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) é uma obra montada por João
30 Guimarães Rosa e Paulo Rónai, que reúne 56 textos publicados em
31 jornais e revistas entre 1947 e 1967. Uma “miscelânea”, como era
32 chamada pelo escritor, composta por suas notas de viagens, diários,
33 contos, crônicas, poesias, flagrantes, reportagens poéticas e medita-
34 ções. A obra distancia-se de suas produções anteriores, visto que fo-
35 ge do ambiente sertanejo e volta-se para o homem, todavia apresenta
36 a mesma magistral qualidade estética e a encantadora elaboração lin-
37 guística. Rosa já semeia no título de *Ave, Palavra* as pistas do objeto
38 que permeia toda a dimensão poética dos textos, o autor rende à pa-
39 lavra a consagração que compõe a essência de sua escritura.

1 *Ave*, saudação de origem latina, abarca o louvor à matéria-
2 prima de todos os textos que recheiam esse livro, em que a erudição
3 e o fascínio pelas línguas estampam desde a capa o minucioso cuida-
4 do com a plumagem significativa de sua principal personagem, a pa-
5 lavra. Rosa mostra que é verdadeiramente cidadão do mundo ao des-
6 crever ambientes quase desconhecidos de diferentes lugares por onde
7 andou, destacando detalhes com a sutileza incomparável de quem
8 decompõe o mundo por meio dos olhos da alma. Isto posto, abstrai
9 um lirismo extremo da energia pulsante da palavra por meio do som,
10 da forma, dos sentidos multiplicados e do estranhamento provocado
11 por suas inovações linguísticas. Ele aufere magia e riqueza à sua tes-
12 situra fazendo uso do inglês, holandês, russo, alemão e japonês em
13 diferentes partes de *Ave, Palavra* (ROSA, 2001), ademais lança mão
14 até mesmo de línguas arcaicas como o latim e o grego. Alguns estu-
15 dos publicados no Suplemento Literário do jornal Minas Gerais
16 apontam que o autor tenha cunhado palavras a partir de línguas bas-
17 tante raras como malaio, sânscrito, persa, hindu e árabe. Sua escrita
18 criativa passeia por diversos idiomas, todavia não deixa de privilegi-
19 ar a grandiosidade da língua portuguesa em meio a sua ancestralida-
20 de indígena.

21 *Ave, Palavra* (2001) faz poesia por meio da potência criadora
22 do verbo e refaz o mundo pela poesia, uma “ave” sublime criação ro-
23 siana que irrompe em palavra o ser das mais diminutas coisas. Aqui
24 a palavra vela e desvela o lado obscuro do mundo e do homem,
25 anunciando verdades inesperadas da alma, e ocultas aos olhos. Tan-
26 genciar o universo dessa obra engendra seguir obstinadamente e sem
27 receio pelas trilhas de uma palavra errante, manifestada unicamente
28 por meio de uma linguagem em estado de poesia.

29

30 **2. A criação neológica rosiana em *Ave, Palavra***

31 O ato de criação lexical em Guimarães Rosa foi tão intenso e
32 brilhante que o autor praticamente desenhou uma nova face da língua
33 portuguesa. Seus neologismos nem sempre são fáceis de serem tra-
34 duzidos, porquanto possuem origens complexas e produzem signifi-
35 cado de acordo com o enredo. Apesar de haver dicionários para in-
36 terpretar suas palavras formadas a partir de sufixos, prefixos, estran-

1 geirismos e outras oriundas do português arcaico, faz-se necessário
2 muitas vezes, destrinchá-las para interpretar tais expressões rosianas.
3 Todas as histórias são entremeadas pelo típico estilo do autor, em
4 que a oralidade é reproduzida na fala de um narrador ativo e presen-
5 te. O ritmo lento e harmonioso da narrativa é proporcionado pelas
6 constantes frases curtas, truncadas e independentes.

7 É importante compreendermos o conceito de neologismo e as
8 diferentes formas de elaboração antes de enveredarmos nos cami-
9 nhos da criatividade lexical de Guimarães Rosa, o que fundamenta
10 nosso material de estudo no momento. De acordo com a linguísta
11 Maria Aparecida Barbosa (2001), neologismos são novas expressões
12 ou palavras criadas em um determinado meio, os quais atribuem um
13 novo sentido a um signo já existente, ou seja, resulta da transforma-
14 ção ou inovação de um termo já conhecido.

15 O neologismo enquanto fato linguístico e cultural pode ser
16 caracterizado como instrumento de uma ideologia, de um determinado
17 momento da história, tornando assim, signos-símbolos de certas facetas
18 culturais, pois os signos surgem de acordo com as necessidades de um
19 meio social. (BARBOSA, 2001)

20 A língua possui essa capacidade de adaptação e inovação,
21 porquanto constitui uma estrutura ativa, enérgica e movediça. Prova
22 disso é o fato de que o homem ao longo do tempo vem criando e re-
23 criando unidades lexicais que correspondam às suas necessidades de
24 comunicação. Uma palavra criada ou modificada pode surgir no dia
25 a dia, de forma absolutamente espontânea, algumas vezes até de
26 forma inusitada. Pode ocorrer naturalmente, como resultado da ne-
27 cessidade de alguma explicação, definição ou ainda para conceituar
28 algo ainda não conhecido. Mesmo com a resistência exercida pelas
29 normas e regras linguísticas, a forma internalizada de uma língua
30 permite ao homem promover esse processo de elaboração de novos
31 vocábulos.

32 O processo de criação linguística engendrado por Rosa nos
33 textos de *Ave, Palavra* (2001) transita pelas mais diversas formas de
34 elaboração. Entre os vários tipos destaca-se o Neologismo Semânti-
35 co, o qual produz um sentido diferenciado a uma palavra quando in-
36 serida em algum contexto. Funciona como uma espécie de adapta-
37 ção, especificação ou modernização dentro de uma língua. Os recur-

1 sos narrativos utilizados por Guimarães Rosa lançam mão das figu-
2 ras como representação do mundo, real ou fictício, enquanto os tem-
3 mas são elementos que organizam a realidade. Assim sendo, para
4 compreender a amplitude semântica instaurada pelos neologismos
5 criados pelo autor faz-se necessário analisar o encadeamento do tema
6 e das figuras, visto que estes reiteram-se. Destarte, nesse processo de
7 reiterar-se oferecem algum sentido à expressão recém-criada.

8 Tal recurso é grandemente empregado na tessitura rosiana
9 como forma de enriquecer a escrita, mas, principalmente ampliar os
10 sentidos por meio de imagens, concomitantemente a uma economia
11 verbal. Retiramos alguns exemplos os textos “Histórias de fadas”,
12 “Sanga Puytã” e “O riachinho Sirimim”, respectivamente.

13 Eram quinze, num só gaiolão misturados, como florida penca, do
14 melhor sertão. Meu amigo Jensen só sabe informar que eram de
15 qualidades diversas, alguns grandes, da variedade rabo-de-andorinha
16 (*sic*), outros minúsculos, do tamanho de besouros, mais ou menos. __ E
17 as cores? __ “Variavam, verde e azul predominando. Também, umas
18 mais alegres... Mas, principalmente, cores de metal...” (ROSA, 2001, p.
19 35)

20 O sol iça a paisagem, e os campos bailam, rugosos, na luz. Vamos
21 na terra do Amambaí, vertente do poente. E, contra o planalto recurvo, o
22 céu tombado, súbito estacamos. (ROSA, 2001, p. 42)

23 O mel também mereja, daquela pedra, junto do lugar que nasce a
24 água. A água vem descendo da pedra, pela face da pedra. Ele nasce ali, é
25 mais um molhado na pedra. Só uns fiapos d’água, que correm pela pedra.
26 (ROSA, 2001, p. 356)

27 O autor lança mão também do Neologismo lexical, o qual in-
28 troduz um novo vocábulo ao universo discursivo de *Ave, Palavra*.
29 Verifica-se também neste caso os estrangeirismos e arcaísmos inse-
30 ridos em um léxico diferente. Os exemplos utilizados abaixo se en-
31 contram em “Zoo – Jardim des Plantes”, “Sanga Puytã”, “Cipango” e
32 “Pé-duro, chapéu-de-couro”, respectivamente.

33 O muscardim é o mesmo arganzaz-ruivo-dos-pomares: ratinho
34 mignon, cor de tangerina, que faz de um seixo o seu travesseiro. (ROSA,
35 2001, p. 275).

36 E em Bela Vista só estão internados três ou quatro legalistas, que,
37 por se afoitarem mais em terreno “blanco” Alguém discorda, reticente:
38 __ “Paraguaio, amigo, é bicho letrado. Não tem nenhum paraguaio
39 sonso, não...” (ROSA, 2001, p. 47)

1 Surgiram mulher e filha, moça de sorriso fixo, vindo saudar-nos,
2 com aquele xemexe de plenas curvaturas, as mãos nos joelhos. (ROSA,
3 2001, p. 145)

4 E são de couro.
5 Surgiram da “idade do couro”.
6 Os “encourados”.
7 Homo coriaceus: uma variedade humana. (ROSA, 2001, p. 177)

8 Por meio da Derivação o autor forma novas palavras ao ane-
9 rar ou suprimir parte de uma palavra ou radical já existente. Ocorre
10 também pelo processo de transformação da classe gramatical de uma
11 palavra. O exemplo abaixo se encontra em *Aquário – Berlim*.

12 "Do calmo caos, como de cluso fundo-do-mar, entes nos
13 espreitam, compactos, opacos, refratados. Insolúveis, grávidos, todos
14 exuberam. Eles se conformam diante da gente?" (ROSA, 2001, p.
15 57)

16 A prefixação ou derivação prefixal exemplificada em “Uns
17 inhos engenheiros” permite observar que um afixo é anexado ao iní-
18 cio da base da palavra.

19 Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-
20 guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. Várias árvores. A manhã
21 se-a-si bela: alvoradas aves. O ar andava, terso, fresco. O céu --- uma
22 blusa. (ROSA, 2001, p. 77)

23 Na Sufixação ou derivação sufixal um afixo é inserido no fi-
24 nal da base da palavra. O exemplo que segue faz parte do texto “O
25 mau humor de Wotan”.

26 "Mesmo assim, Marion, loura entre canário e giesta e mais
27 num tailler de azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder
28 primaverazmente às gratidões do amor". (ROSA, 2001, p. 21)

29 A Derivação parassintética cunhada por Rosa em “O homem
30 de Santa Helena” introduz um afixo tanto no início como no fim da
31 base simultaneamente.

32 Não Napoleão, mas um senhor, claro e bem vestido, com quem
33 conversei, uma tarde, entre 1934 e 1935, no Itamaraty, no Serviço de
34 passaportes.

1 Lembro-me apagadamente das feições, os olhos; deslembro o nome,
2 de que não tomei nota. Ele se portava muito despreconcebidamente.
3 (ROSA, 2001, p. 97)

4 Classifica-se um tipo de neologismo originado por derivação
5 regressiva, um processo pelo qual se obtém um substantivo através
6 da supressão de morfemas verbais. Um processo inverso ocorre em
7 “Histórias de fadas” a partir de um substantivo concreto forma-se um
8 novo verbo por sufixação.

9 Chegam de repente, não se sabe de onde se enflecham para uma flor,
10 que corolas, e pulsam no ar, esfuziantes, que não há olhos que os firam.
11 Riscam retas quebradas, bruscas e são capazes mesmo de voar para traz.
12 (ROSA, 2001, p. 35)

13 A criatividade de João Guimarães Rosa faz uso também da
14 derivação imprópria, aqui não ocorre nenhum tipo de alteração na
15 forma da palavra, ocorre apenas a modificação de sua classe gramati-
16 cal dentro da frase, ou seja, transformando um substantivo em adje-
17 tivo, verbo em substantivo, etc. Retiramos o exemplo abaixo de “O
18 grande samba disperso”.

19 Estou alegre de trono, só choro estas poucas lágrimas. Amanhã vou
20 esquecer, depois então vou saber: saudade é chateação, pensamento com
21 cansaço. Saí de lá com o coração muito bandido. Saí, senhor. Ninguém
22 dê notícias minhas. (ROSA, 2001, p. 52)

23 O neologismo elaborado por Composição forma um elemento
24 linguístico a partir de duas ou mais palavras ou radicais. Ao quais
25 podem ocorrer de duas maneiras diferentes. A aglutinação une duas
26 ou mais palavras ou radicais para formar um novo vocábulo, no en-
27 tanto isto ocorre através de variação fonética ou transformação na es-
28 trutura (acrécimo ou supressão) das palavras oriundas desse novo
29 vocábulo, a este fenômeno chamamos metaplasmo. De acordo com a
30 posição dessa supressão nos elementos formadores classificam-se de:
31 aférese (início), síncope (interior), apócope (final). O trecho a seguir
32 está em “Zoo – Whipsnade Park, Londres”.

33 O leão, espalha fatal.

34 As panteras: contristes, contramalhadas, contrafeietas,

35 O belo-horror dos tigres rugindo. (ROSA, 2001, p. 93)

1 A justaposição origina um novo elemento linguístico a partir
2 de duas ou mais palavras sem que isto seja recorrente de alterações
3 dos vocábulos oriundos. Utilizamos a seguir um exemplo retirado de
4 *Zoo – Hagenbecks Tierpark, Hamburgo – Stellingen*.

5 Talvez à garra de pesadelo, o pinguim quase se cai para trás.

6 Seu inimigo é o leopardo-marinho.

7 E há o beijo das garças --- qual que terna espécie de esgrima.

8 O pato, treme-bico. Mas come é com o pescoço

9 Graças amorosas: penas arrepiadas, facas para o alto, esboçam baile,
10 num estalar de mandíbulas. (ROSA, 2001, p. 162)

11 O neologismo criado a partir de onomatopeias é um processo
12 grandemente utilizado nos textos de Guimarães Rosa, são palavras e
13 expressões articuladas visando a imitação de sons da natureza, ruídos
14 emitidos por animais ou simplesmente para registrar algum barulho
15 característico, com a intenção de promover maior veracidade e origi-
16 nalidade. Fenômeno bastante observado na escrita literária de alguns
17 autores para proporcionar ritmo, movimento e sonoridade aos textos.
18 Citamos alguns exemplos de neologismos por onomatopeia retirados
19 de “Jardim fechado”, “Recados do Sirimim”, “As garças” e “Zoo –
20 Rio, Quinta da Boa Vista”.

21 A borboleta ia passando manteiga no ar. A borboleta --- de upa, upa,
22 flor. E... tililique... um pássaro, vindo de vôos. (ROSA, 2001, p. 350).

23 O Pedro e a Eva sempre escutavam as rãs. As com espécie de
24 assovio, de taquara, de grilo grande, ou a meio desafinada, rouca: ---...
25 *corrém, corrém, corrém!* A mais, os sapos ---de: *tiplão! tiplão! Pão!*... e
26 de: *tum, tum, tum*...---- sapos de vários feitios e diversas sonoras batidas.
27 (ROSA, 2001, p. 364).

28 Até a passar pelos regos e pocinhos da horta, para birra do Joaquim,
29 suspeito das verduras, de estragos. --- “*Sai! Sai!*”--- enxotava-as,
30 ameaçava-as, atrás. E elas, sempre ambas: *jét! Jét!* --- já no ar. [...] Já a
31 outra porém se adiantara, tomando o chão: mas não firme, direto, não, se
32 não que feito o urubu, aos três pulinhos --- *puf! puf! puf!* --- às vezes a
33 gente se assustava. (ROSA, 2001, pp. 374-375).

34 Suas patinhas, breves, quase não atuam, os movimentos são de
35 cobra, só insinuação. Amiúde bebem, fazem bulha. Ficam de pé ---
36 rasga-se seu *ah!* – *ah!* – *ahrr!* Carnívoras sempre em quaresma: atiram-se
37 aos peixes, devoram levemente. (ROSA, 2001, p. 130).

1 A partir dos exemplos citados anteriormente destacamos duas
2 classes de neologismos, os vocabulares (criação lexical), que origi-
3 nam novas palavras, e os sintáticos (criação estilística), os quais
4 agem no interior de uma frase, ocasionando diferentes construções
5 frasais em meio ao texto. Guimarães Rosa encontra na criação neo-
6 lógica estilística o modo de renomear coisas e conceituá-las de forma
7 inovadora e surpreendente, todavia são as elaborações semânticas de
8 Rosa que desencadeiam no texto um estranhamento maior devido à
9 profusão de sentidos que desencadeiam no solo poético de sua tessi-
10 tura. O neologismo semântico associa-se diretamente às inovações
11 estilísticas, porquanto instaura novas possibilidades de interpretação
12 acerca de um significante inserido a uma frase, o qual não estabelece
13 uma relação direta a tal conteúdo. Desse modo os apontamentos que
14 abarcam o universo dessa palavra-símbolo são imediatamente reme-
15 tidos ao interior de outra estrutura significante, um contexto distinto
16 que inicialmente não tem relação com o signo introduzido na frase,
17 no entanto é importante ressaltar que este fenômeno adquire sentido
18 exclusivamente no referido contexto.

19 A neologia semântica se configura então como uma alavanca
20 propulsora da grande ampliação de sentido nos textos rosianos, um
21 processo minucioso em que o autor adota um significado pré-
22 existente na língua e deposita neste uma carga significativa a qual
23 não possui. A compreensão de tais malabarismos demanda de uma
24 imprescindível decodificação dos termos, relacionando-os entre si de
25 acordo com o enunciado em que se inserem para uma possível inter-
26 pretação textual, uma tarefa nem sempre fácil se tratando do discurso
27 rosiano. O olhar minucioso e a percepção apurada acerca do mundo
28 desperta em Guimarães Rosa essa particularidade ímpar em traduzir
29 o universo à sua volta de uma particular e raríssima forma, em que
30 ele lança mão dos vários tipos de neologismos possíveis.

31 Os recursos utilizados pelo autor em *Ave, Palavra* (ROSA,
32 2001) acarretam algumas dificuldades a seus leitores em decorrência
33 de sua peculiar criatividade e transgressão às regras linguísticas. Não
34 obstante ao adentrar este desconhecido território rosiano, somos to-
35 mados por um desconcertante encantamento que só poderia ser des-
36 crito por uma linguagem também recriada e nova, capaz de refletir
37 todo o deslumbramento desse universo poético. Rosa empreendeu
38 neologismos de quase todos os tipos em *Ave, Palavra* tamanha sua

1 guística em sua tessitura literária. Uma busca incessante, diríamos
2 até angustiante, pela palavra exata que se desvela na magia e expres-
3 sividade impregnadas em cada frase de todos os textos de *Ave, Pala-*
4 *avra* (ROSA, 2001). Sobre esse embate linguístico estabelecido na es-
5 critura rosiana, Mariana Santos de Resenes e Rachel Pentalea Leal
6 (2004, p. 36) afirmam: “Torna-se clarividente a profunda exploração
7 dos signos¹, na sua forma e significado e, sobretudo, a função de
8 ambos”, fato decorrente do esmero e um trabalho árduo em que o es-
9 critor perpassa limites e regras da linguagem, tornando-a original e
10 inconfundível. Rosa elabora uma fascinante alquimia verbal, agre-
11 gando à sua tessitura neologismos, estrangeirismos, arcaísmos, novas
12 construções morfológicas e sintáticas por meio da exploração pluris-
13 sêmica das palavras e de recursos rítmicos e sonoros.

14 A ação neológica empreendida por Guimarães Rosa se desve-
15 la como um refinamento da linguagem, suprimindo o aspecto denota-
16 tivo, transparente e desgastado da fala, e suscitando maior originali-
17 dade à escritura. Outrossim, a criatividade linguística rosiana promo-
18 ve a multiplicidade de sentidos instaurados no solo poético de *Ave,*
19 *Palavra* (ROSA, 2001) por meio da economia da palavra. As diver-
20 sas faces da palavra que constitui a linguagem literária são reveladas
21 por meio da sensibilidade e engenhosidade do autor mineiro, sempre
22 em busca da ampliação de sentidos mediante alterações semânticas
23 inusitadas e impactantes. Rosa trabalha a palavra como um ourives
24 lapida um diamante, ambos só terminam a tarefa quando sua precio-
25 sidade reverbera o brilho de seu ser por todos os ângulos. O verbo
26 complexo de Guimarães Rosa, assim como um diamante raro, cintila
27 de tal forma incomparável.

28

29 3. *Considerações finais*

30 João Guimarães Rosa alicerça sua tessitura poética consolida-
31 da em diversos procedimentos, utilizando-se de estratégias linguísti-

¹ Ferdinand Saussure define o signo linguístico como a união do sentido e da imagem acústica, na qual se estabelece uma relação de oposição entre significado (plano das ideias) e significante (plano de expressão). O estudioso compara em *seu Curso de Linguística Geral* (1969) que o signo linguístico se assemelha a uma moeda, “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 80).

1 cas no campo da morfologia, sintaxe e semântica, o autor demonstra
2 especial encanto pela magia criadora da palavra a partir dos sentidos
3 possíveis que esta pode instaurar em meio à sua obra. Verificamos
4 que a criação neológica rosiana abarca diversos olhares e algumas
5 possibilidades, devido à pluralidade de sentidos que comporta a pa-
6 lavra literária e também às inovações linguísticas empreendidas pelo
7 escritor, todavia é necessário salientar que suas criações não permi-
8 tem toda e qualquer interpretação, visto que algumas marcas já se
9 inscrevem ao longo da obra propiciando a unidade textual e restrin-
10 gindo as infundáveis significações.

11 A intensa criação neológica rosiana demanda da competência
12 literária do autor, a qual garante um texto bem estruturado ao invés
13 de um emaranhado de frases sem nenhuma relação entre si. Em vista
14 disso, *Ave, Palavra* (ROSA, 2001) reverencia o vigor e a supremacia
15 da linguagem poética, aliando a estrutura complexa da língua à
16 significância da palavra, por meio da estreita relação entre a
17 linguística e a literatura.

18 A investigação das instâncias de criação linguística de João
19 Guimarães Rosa se dá a partir das relações com a linguagem como
20 produtora de sentidos ilimitados em meio ao espaço poético de *Ave,*
21 *Palavra* (ROSA, 2001). Para isso, o autor, fascinado pelo poder mis-
22 terioso e estranho das palavras e coordenado pelo pensamento e con-
23 cepção poética contemporânea, utiliza-se dos “instrumentos” lingüís-
24 ticos – fonemas, morfemas, palavras, sentenças – para transcender a
25 língua comum e, assim, emitir os balbucios de uma poesia que exce-
26 de os sentidos e a compreensão do homem.

27

28 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 29 BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura.
30 In: OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires de; ISQUERDO, Aparecida Ne-
31 gri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, termino-*
32 *logia*. vol. I. 2. ed. Campo Grande: Edufms, 2001.
- 33 BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio
34 de Janeiro: Lucerna, 2009.

- 1 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Anto-
2 nio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no*
3 *Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- 4 CARDOSO, Elis de Almeida. A poesia: escolha lexical e expressivi-
5 dade. In: GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CON-
6 DÉ, Valéria Gil. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto,
7 2009, p. 67-77.
- 8 CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11.
9 ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.
- 10 GONÇALVES, Aguinaldo José. O legado de João Guimarães Rosa.
11 Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa. *Revista USP*, n. 36, p. 6-17,
12 dez.1997-fev.1998, São Paulo. Disponível em:
13 <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26933/28711>>.
- 14 ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*.
15 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- 16 MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed.
17 São Paulo: Edusp, 2001.
- 18 RESENES, Mariana Santos de; LEAL, Rachel Pentalena. *Um mer-
19 gulho perscrutador no universo onírico joyciano*. Ensaios. Florianópolis.
20 UFSC, n. 2, p. 35-78, dez. 2004.
- 21 ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova
22 Fronteira, 2001.
- 23 _____. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.
- 24 ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos: da composição*
25 *verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*.
26 Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais,
27 1964.
- 28 SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad.: A.
29 Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.
- 30 SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia,*
31 *morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- 32 VIARO, Mario Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2010.